

A influência da escrita do Português não-padrão na interação via Internet

Victor Flávio Sampaio Calabria (UFC)*

Orientador: Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva (DLV-UFC)**

Resumo:

O presente trabalho objetiva fazer, em sua primeira fase, um levantamento dos casos de escrita do Português não-padrão nos sites de relacionamentos e bate-papo da Internet, tais como o *Orkut* e o *Messenger*, e, na sequência, propor, a partir da quantificação de dados, uma tipologia dos casos de desvio da escrita padrão. Baseamo-nos em teóricos da Sociolinguística, tais como Marcos Bagno, e também em teóricos da Interação na Internet, como Júlio César Araújo. O *corpus* utilizado para a realização desta pesquisa foi retirado de conversas no MSN, das quais o pesquisador participou, e *scraps* do Orkut. Levamos em consideração a frequência com a qual uma dada pessoa, participe da conversa, arrisca a mesma forma de escrita, para, em seguida, eliminarmos, com base na recorrência, casos de mero erro de digitação. Se a forma é frequentemente empregada neste meio de interação, buscamos então as razões possíveis que justifiquem a opção pela escrita do Português não-padrão. Averiguamos, por exemplo, o grau de influência da modalidade oral em fenômenos como o *rotacismo* e a *assimilação* (corriqueiros nas explicações sociolinguísticas). Estando a pesquisa em fase embrionária, o presente trabalho fornece apenas alguns resultados parciais. Fizemos um levantamento geral de dados com indicações explicativas para os casos de escrita não-padrão mais frequentes, que nos servirá de ponto de partida para que, em um próximo trabalho, como já se pleiteia, possamos depreender as verdadeiras explicações subjacentes ao uso recorrente de formas não-padrão do Português escrito em interações via Internet.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Internet. Língua Portuguesa.

Considerações iniciais

Estamos imersos em uma sociedade na qual os meios de comunicação avançam de forma espetacular, sendo, às vezes, difícil o acompanhamento destes avanços da “Era digital”. O presente trabalho, nesta sua fase embrionária, tem a preocupação de fazer um levantamento dos casos de escrita não-padrão presentes nos *sites* de relacionamento e bate-papo da Internet. A intenção não é a de ridicularizar tal escrita, nem mesmo apontar erros em sua elaboração, mas é, sim, mostrar a influência do Português não-padrão na escrita dos *sites* de interação simultânea. Ou seja, já sabendo das várias características que a escrita apresenta na interação via Internet, tais como períodos simples e curtos, frases nominais, preferência por construções verbais na forma ativa, frases truncadas, menor densidade informacional, segundo o que nos diz o livro *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*, de Júlio César e Bernadete Biasi-Rodrigues, resolvemos investigar também a escrita não-padrão.

*Aluno da graduação em Letras com habilitação em Português, Italiano e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: vf_06@hotmail.com

** Professor adjunto (dedicação exclusiva) do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: jabsaraiva@gmail.com

A exemplo das frases truncadas mencionadas, podemos tomar como objeto de estudo palavras também truncadas. Tais vocábulos podem trazer características de escrita não-padrão. Por exemplo, é normal que os jovens ou outras classes de diferentes faixas etárias evoquem um colega ou amigo como *velho*, porém, digamos que, por necessidade de rapidez na escrita, o indivíduo internauta use a forma *véi*, ou *veio*. De fato, são formas muito utilizadas na nossa língua falada, porém não comum na língua escrita, uma vez que essa, segundo Marcos Bagno (1999), é uma forma conservadora e pouco flexível, se pensarmos na linguagem herdada da tradição gramatical.

Enfim, em uma abordagem sociolinguística e interativa, procuramos neste trabalho fazer uma discussão das formas de uso da linguagem nesses meios de interação, que é comum à grande parte da população mundial, pois, na Internet, o importante é fazer-se entender.

Interação na Internet

Não faz muito tempo, trata-se de poucas décadas, a Internet penetrou de maneira impressionante todas as esferas da atividade humana, desde as mais particulares às mais públicas. Tal veículo proporcionou à população uma linguagem livre, sem censura. Nela, pessoas colocam suas reivindicações e escrevem sobre tudo o que julgarem importante sem medo de serem inibidas, proporcionando, assim, novas formas de expressão. Porém, não foi apenas tais modificações. A Internet proporcionou o surgimento de alguns gêneros textuais, como sempre defende o Professor Antônio Marcuschi, e formas particulares de escrita, por assim dizer: a escrita da Internet.

Determinadas formas de expressão escrita já preocupam os pais e professores. Como acontece com a maioria das mídias ligadas à atividade de comunicação humana, também a Internet atinge de modo particular os usos da linguagem. Basta que olhemos como se dá a escrita nos *Blogs*, nos *Chats* e nos *e-mails* mais informais. Quanto a isso, defendem os linguistas Júlio César e Bernadete Biasi-Rodrigues (2005) que a Internet não é perigosa nem ameaça a Língua Portuguesa. De fato, não é uma forma de escrita em momentos de interação com os amigos que vai fazer com que toda uma tradição se perca. Porém, é interessante ressaltar que essa forma de escrita pode sim influenciar na

escrita escolar, uma vez que os alunos, de modo não atento, podem realizá-la. É mais ou menos o que pode ocorrer em uma interação na Internet, os internautas podem não estar se dando conta de que estão escrevendo uma forma não-padrão da escrita, pois para eles o importante é se comunicar. Ou pode acontecer o contrário, eles terem uma consciência de que estão escrevendo uma forma não-padrão, porém, para eles, tal forma poderia ser entendida como a maneira de se escrever no ambiente online, ou seja, poderia não atentar para o fato de estarem reproduzindo, mais ou menos, aquilo que eles falam no trato cotidiano no uso de sua habilidade oral.

A comunicação é um fenômeno inerente ao ser humano, que desde a sua época mais primitiva, busca desenvolver formas diferentes de se comunicar com seus semelhantes e a cada dia o nível de evolução do pensamento do homem lhe permite comunicar-se de forma mais eficiente, e, neste evoluir constante, a tecnologia tem sido uma grande parceira, contribuindo para que a cada dia as pessoas se comuniquem mais e melhor, rompendo limites e fronteiras até então inimagináveis. Como mesmo disse Júlio César Firmino em seu artigo intitulado “*Formas associativas Existentes nas Salas de Bate-papo*”, diante do colossal processo interativo humano, uma determinada modalidade comunicativa parece ser essencial em quase todos os momentos de nossas vidas: a conversa. Sabemos que o homem desde sua criação busca formas diferentes de interação com outros seres humanos. A conversa, a troca de experiências, de cultura faz com que o indivíduo faça despertar em si uma cultura que pode não lhe ser natural. A partir da linguagem duplo-articulada desenvolvida por nós, seres humanos, conseguimos nos diferenciar dos demais animais existentes no planeta. Através da interação via Internet, conseguimos alcançar uma rede mundial, como mesmo diz a sigla - WWW (World Wide Web), que traduzido significa – Teia de Alcance Mundial. Nela, conhecemos culturas diferenciadas e formas de se expressar das mais variadas possíveis.

Portanto, em um mundo vasto de conhecimento como é a Internet, podemos acreditar que a sua influência na vida de milhares de pessoas pode ser vista de forma positiva. Devido ao seu acesso, que pode ser realizado por qualquer pessoa sem nenhuma identificação, devemos ter cuidado com certas informações nelas contidas, principalmente com pessoas que frequentam sites de relacionamento e bate-papo, que é nosso foco neste trabalho. Porém, como já é sabido, nosso intuito não é falar de segurança na Internet e, sim, tratar de uma possível forma de escrita nela encontrada.

Com isso, poderemos ter claro que a língua é transformação, é evolução, ela não é parada, estagnada, mas está em constante processo de mudanças. É um mito, como ressalta Bagno (1999), acreditar que a língua é homogênea, ela não o é. Nela existem várias formas de manifestações, inúmeras variantes. Como nos é sabido, ela varia sob vários planos (plano fonético-fonológico, morfológico, sintático e lexical) e, sendo assim, podemos na Internet, também, observar muitas dessas variações, principalmente no plano lexical. Isso se dá porque a Internet é interação, é conversa, requer respostas rápidas e muitas vezes sem serem pensadas. Por tal característica, julgamos importante tal elaboração.

Na Internet, podemos observar também muitas dessas variações, principalmente no plano lexical. Isso se dá porque a Internet é interação, é conversa, requer respostas rápidas e, muitas vezes, sem serem pensadas. Por tais colocações, foi que julgamos necessário este trabalho.

Sociolinguística, um breve panorama.

A sociolinguística ou sociologia da linguagem é uma disciplina da linguística que estuda os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade, concentrando-se em especial na variabilidade social da língua.

Não precisamos nos ater a tanta observação para que possamos, de fato, constatar que a língua portuguesa falada em Portugal, no que remete à língua falada (não a escrita), muito se distanciou desta nossa língua portuguesa falada no Brasil. O pior é quando escutamos comentários do tipo: “A língua portuguesa falada em Portugal é a mais coerente e correta, brasileiro não sabe falar o Português.” Como assim? Como é que uma realidade inerente a nós não é própria de nós mesmos? Como nascemos e conhecemos um dado idioma e o temos como língua-mãe e, mesmo assim, não o sabemos falar? Seria um absurdo tal afirmação mostrada acima, mas é uma realidade, ou, para usar as palavras de Marcos Bagno (1999), um mito linguístico que prolifera o preconceito no Brasil. Esse mito é transmitido nas escolas, pois quando dizemos que no Brasil se fala o Português é só por uma questão política ou de comodidade, uma vez que, do ponto de vista linguístico, no Brasil já tem uma *gramática*, sendo assim, tem

regras de funcionamento que lhes são próprias, por isso já se o usa o termo *Português brasileiro*. No que concerne à língua escrita formal, realmente entre Portugal e Brasil há uma grande similaridade, pois a ortografia é basicamente a mesma, com poucas diferenças. Porém, ressalta Bagno (1999), um mesmo texto lido por um brasileiro e um português vai soar completamente diferente, perdendo-se, assim, boa parte do entendimento. O fato é simples de ser explicado, a língua escrita é conservadora e a mesma oral é passível de mudanças constantes, sem falar ainda que a língua recorta uma realidade cultural e particular de uma comunidade linguística. Portugal e Brasil estão distantes muitos e muitos quilômetros, e a realidade lá encontrada não é a mesma encontrada aqui, e isso é fácil de ser explicado.

Além de fenômenos relacionados com a variação étnica e etária, a sociolinguística se ocupa também na explicação da formação das “variantes de prestígio”, corriqueiramente chamadas de “Português padrão” ou “Português correto”. Padrão, como bem observamos, é uma palavra que se assemelha a outra de nosso vocabulário: patrão. Não é por acaso. Ambas as palavras derivam da mesma raiz do Latim, por isso, são rodeadas por um mesmo campo semântico. Realmente quem fala o Português padrão é, na maioria das vezes, o patrão, aquele que tem um maior poder aquisitivo, ou uma influência maior na sociedade. Isso se trata de algo menos linguístico e mais social e político. Muitas vezes, a fala fora do padrão não vem de um atraso mental como muitos falam, mas sim de uma herança do Latim ou de outras línguas mais antigas que tiveram algumas de suas palavras introduzidas ao léxico português. Por exemplo, a palavra *branco* vem do germânico *blank*. Observe que no português temos essa palavra com a consoante tepe alveolar [r], enquanto no germânico temos com a consoante aproximada lateral alveolar [l]. Usei tal exemplo para ilustrar que existem pessoas que dizem “pranta” ao invés de “planta”, ocasionando assim um fenômeno que denominamos *rotacismo*. Se dissermos pranta, chicrete, praca é errado e, por outro lado, dizer branco, frouxo (do latim, fluxu), grude (do latim, gluten), é correto, trata-se, como já dito anteriormente, de uma questão política e social, uma vez que, como já sabemos, tais variantes são mais produzidas por falantes de classes sociais menos favorecidas, ou mesmo, analfabetos.

Qualquer estudo sociolinguístico deve partir de uma análise cuidadosa do mapa sociológico de uma comunidade, uma vez que quanto mais complexo for o seu tecido

social, mais heterogêneo será o uso que essa comunidade faz da língua. Em geral, os fatores sociais que apresentam o maior poder de influência sobre a variação linguística dentro de uma comunidade são o sexo, a idade, o nível de instrução, o nível socio-cultural e a etnia a que pertence um determinado grupo. É óbvio que nem todos os fatores têm que funcionar de forma idêntica em todas as comunidades e para cada comunidade é preciso levar em consideração o contexto em que está inserida, ou seja, as suas coordenadas sociais, geográficas, culturais, econômicas, históricas e temporais. As consequências da variação linguística afetam, majoritariamente, os planos fonético-fonológico e morfológico das línguas, ainda que outros planos possam ser afetados.

Para concluirmos tal panorama, é interessante ressaltarmos, em poucas palavras, como se desenvolveu tais direcionamentos dos estudos linguísticos. A sociolinguística como ciência surgiu nos finais dos anos cinquenta com o trabalho de Marcel Cohen, *Pour une sociologie du langage* (1956), tendo-se expandido para a Itália, com os trabalhos de Tullio Mauro (1963), e para os Estados Unidos, com as pesquisas empíricas de W. Labov (1966) e de M. Halliday (1971). Foram duas as perspectivas teórico-metodológicas que surgiram em sociolinguística: uma, de pendor mais sociológico, preocupada com a identificação e explicação das relações subjacentes às estruturas sociais e às estruturas linguísticas, e outra, de caráter mais antropológico, interessada pelo comportamento linguístico das comunidades à luz de uma dimensão cultural e social. São de destacar os trabalhos pioneiros em sociolinguística interacional desenvolvidos por J.Y. Gumperz, que se dedicou à análise das funções sociais associadas às estratégias linguísticas desenvolvidas durante as interações verbais.

Como podemos observar, a sociologia da linguagem vem sendo discutida há algumas décadas por grandes linguistas e, até o momento presente, procura explicar, de forma científica, as outras realizações da língua, pois como já ficou claro, a língua padrão é uma realização dentre várias outras existentes. O fato de a escrita representar a forma padrão não significa dizer que esta é melhor do que qualquer outra. Saibamos que, segundo Bagno (1999), a língua escrita serve como um registro permanente (*scripta manent*) e é usada para transmissão da cultura e do saber e não para definir apenas o que está “certo” ou “errado”. Se não houvesse tal escrita permanente, imaginemos a confusão que iria ser.

Metodologia

O presente trabalho conta com uma metodologia de pesquisa de modo a facilitar o colhimento do *corpus* bem como a posterior análise dos resultados. Desde o início do mês de novembro do ano de 2010, foi iniciada a busca pelo *corpus* necessário para tal trabalho, de modo que, a partir da mesma, pudéssemos nos basear de forma mais concreta em ocorrências devidamente atestadas. Colhemos o *corpus* desta pesquisa dentro dos sites de relacionamento, tais como o *Orkut*, e bate-papo, tais como o *MSN*, ambos, ambientes da Internet. Os partícipes da interação foram pessoas com idades entre 16 e 20 anos, da comunidade linguística de Fortaleza-CE, Brasil. Foram colhidos, assim, 20 *corpus* de conversas, seja via *Orkut* ou via *MSN*.

O presente trabalho, como se percebe ao ler o título, analisa a escrita do Português não-padrão nos sites já citados. Para tanto, foi necessário ao pesquisador participar desses *chats*. As conversas realizaram-se de forma espontânea, pois o internauta não soube, em um primeiro momento, que tal conversa serviria para uma análise, e, sim, que se trataria de uma abordagem comum e cotidiana de seu suposto amigo no ambiente da Internet. Sendo assim, posteriormente, o participante do *chat* seria informado de tal fim. Os participantes faziam parte da rede de amigos do pesquisador, portanto, as conversas eram de cunho familiar. Não se pretendeu observar formas de escrita próprias da Internet, e, sim, formas que, pelos estudos fonológicos e sociolinguísticos, sabemos que fazem parte da linguagem não-padrão. Portanto, escritas do tipo *Blz* (forma que o internauta usa para dizer: beleza), não será, por sua vez, uma forma escrita presente em nossa análise. Porém, formas como: *Véio* ou *véi*, que o internauta usa para dizer *Velho*, são formas que foram colhidas para nossa análise.

Para melhor acompanhamento dos resultados, dispomos as formas colhidas em seis tabelas ao todo. Tais tabelas dividem as formas encontradas em determinadas classificações dadas a esses vocábulos colhidos para a pesquisa, contendo cada uma três divisões. São elas: forma encontrada, forma padrão e fenômeno.

Como ressaltamos no início deste trabalho, nossa pretensão não é questionar as formas de escrita, nem mesmo levantar teses sobre os porquês de suas existências, mas, nesta fase embrionária, queremos fazer um levantamento quantitativo do uso dessa

escrita não-padrão para descobrir quais formas têm os maiores índices de ocorrência nas interações da Internet, assim como acontece no uso interativo da linguagem oral no trato cotidiano.

Análise dos resultados

Como dito na divisão metodologia, expusemos os resultados das formas colhidas em tabelas* para posterior análise. A tabela 1 trata das formas colhidas com os verbos “estar” e “ir”, e seus respectivos usos no ambiente da Internet. Observemos.

Formas encontradas com os verbos “**estar**” e “**ir**”:

Forma encontrada	Forma padrão	Fenômeno
Ta; tá; tah	Está	Supressão por aférese
To; to	Estou	Supressão por aférese
Tamos	Estamos	Supressão por aférese
Tamo	Estamos	Supressão por aférese; plural não-redundante
Tiver	Estiver	Supressão por aférese
Vô; vo	Vou	Supressão por apócope
Ia	Iria	Supressão por síncope

Tabela 1

As formas utilizadas acima se tornam cada vez mais comuns, não apenas no trato via Internet, mas no uso da linguagem por veículos de comunicação e mídia. Ao passearmos pela cidade, não é difícil que vejamos propagandas que se utilizam dessas formas. Porém, como é sabido de todos e a gramática normativa faz questão de lembrar sempre, são formas não-padrão da língua, que, por mais que sejam presentes na linguagem oral, são inadmissíveis em redações e documentos oficiais.

Podemos observar que, no caso recorrente na tabela 1, uma grande maioria de fenômenos são classificados como supressão. Observamos que todos os casos de

*As tabelas são de cunho meramente ilustrativo, visando facilitar a observação do *corpus*, não tendo, assim, valores estatísticos.

supressão (por aférese, por síncope e por apócope) são recorrentes no caso acima, porém há uma predominância de fenômenos de supressão por aférese. A supressão de fonemas é, no geral, um fenômeno muito comum na linguagem oral e, como podemos ver, na linguagem escrita via internet, esse fenômeno está em foco.

Formas encontradas com as preposições:

Forma encontrada	Forma padrão	Fenômeno
Pra	Para	Supressão por síncope
Pro	Para o	Supressão por síncope e incorporação do artigo “o” com a preposição “para.”
Pros	Para os	Supressão por síncope e incorporação do artigo “os” com a preposição “para.”
Pras	Para as	Supressão por síncope e incorporação do artigo as” com a preposição “para”.
Cus	Com os	Supressão por síncope e incorporação do artigo “os” com a preposição “com”.

Tabela 2

No caso das preposições, como se verifica na tabela 2, o caso é um pouco diferente daqueles contidos na tabela 1. O fenômeno é o mesmo (supressão), mas com outra predominância de realização. Trata-se de uma supressão por síncope, ou seja, diferente da supressão por aférese, que acontece no início das palavras, a supressão por síncope acontece no interior das palavras, como ressalta Cavaliere (2005). É interessante entendermos a lógica da língua: se a supressão ocorresse no início, não conseguiríamos identificar tais preposições.

Continuamos, neste caso, a observar a tendência que temos de diminuir palavras, torná-las mais simples na escrita, evitando, claro, a falta de compreensão.

Formas encontradas com substantivos e adjetivos em geral:

Forma encontrada	Forma padrão	Fenômeno
-------------------------	---------------------	-----------------

Véi ; véa	Velho; velha	Assimilação e monotongação.
Veio ; veia	Velho; velha	Assimilação
Muíé; muier	Mulher	Assimilação
Riidijanero	Rio de Janeiro	Supressão por apócope, harmonização vocálica e monotongação.
Manin	Maninho	Supressão por apócope
Bixim	Bichinho	Supressão por apócope
Fii; fih	Filho	Assimilação e supressão por apócope.
Delixa	Delícia	Monotongação
Pacero	Paceiro	Monotongação
Mah; má	Macho	Supressão por apócope
Man	Macho	Supressão por apócope e nasalização final
Brigado; brigada	Obrigado; obrigada	Supressão por aférese
Viagi	Viagem	Não-nasalização de vogal final e Harmonização vocálica.

Tabela 3

Como se observa na tabela 3, temos casos de substantivos e adjetivos. Em nosso corpus foram encontrados esses casos já expostos acima, porém, muitas outras formas já existem e são utilizadas. Como podemos observar, a tendência continua a ser a de suprimir os fonemas. A supressão, neste caso, apresenta-se com novos fenômenos: a assimilação e a monotongação. Observamos no vocábulo “Riidijanero”, que o internauta o escreve tal e qual, possivelmente, pronuncia. Como se vê, foram-lhe atribuídos três fenômenos: rii>rio=monotongação; de>di=harmonização vocálica; jeneiro>janero=monotongação. No caso de “viagi” foi bem interessante. Dificilmente se vê uma forma escrita assim na internet, por mais que seja assim que muitos de nós pronunciamos, ou seja, a tendência de nosso Português brasileiro de não nasalizar as vogais finais. Por isso ainda se verifica formas como: Cristovão>Cristovo; fizeram>fizeru; viagem>viagi.

Interessante também darmos ênfase aos vocábulos “parcero” e “deliça”. Houve, nesses casos, uma monotongação, que como já dito, é também uma espécie de supressão de fonema. Entendamos que o valor semântico não se perde apesar da escrita fora do padrão, porém, observemos o caso de maninho>manin e bichinho>bixim. Se ao invés de substantivos masculinos, fossem femininos, não seria possível a supressão, pois não existiria o valor linguístico do signo e confundiríamos com outro vocábulo. Observemos como é perfeito o sistema linguístico, cada realização tem sua forma, cientificamente comprovada, de existência.

Na tabela seguinte, de número 4, podemos ver alguns casos de assimilação, corriqueiros nas formações de gerúndio. Observemos.

Formas encontradas com Gerúndio:

Forma encontrada	Forma padrão	Fenômeno
Matano	Matando	Assimilação
Roubano	Roubando	Assimilação
Fazeno	Fazendo	Assimilação
Formano	Formando	Assilação
Veno	Vendo	Assimilação
Seno	Sendo	Assimilação

Tabela 4

Podemos observar na tabela 4, casos de assimilação presentes na linguagem oral e, nestes casos, representados na escrita. Tais casos foram retirados de um fórum em uma comunidade do *Orkut*, no qual o internauta pediria uma ajuda às pessoas para participar de um evento. Todas as formas de gerúndio escritas por esse internauta são escritas com o fenômeno da assimilação. Por exemplo: roubando> roubanno >roubano. Há, assim, uma assimilação da consoante alveolar vozeada [d] > consoante nasal [n]. Esse fenômeno é corriqueiro na linguagem oral, portanto, não tão presente na escrita. Porém, como se observa, pode-se encontrar no já citado site.

Outras formas encontradas:

Forma encontrada	Forma padrão	Fenômeno
Intregar	Entregar	Harmonização vocálica
Imbarcar	Embarcar	Harmonização vocálica
Incomendar	Encomendar	Harmonização vocálica

Inda	Ainda	Supressão por aférese
Num	Não	Supressão por síncope

Tabela 5

Como analisamos na tabela 5, nos casos isolados, há um predomínio de harmonização vocálica. De fato, tais formas são frequentes na linguagem oral. De fato, existe uma tendência de as pré-tônicas se tornarem harmonizadas com o todo. É o que se verifica nas formas: *intregar*, *imbarcar* e *incomendar*.

Entendamos que a forma “num”, nesse caso, não se refere à preposição em + um = num, mas sim a negação presente em frases, quando realizadas de forma rápida. Por exemplo, “Ogi **num** vô pra aula.” De fato, foi uma forma corriqueira encontrada na Internet. Sabemos, porém, que a forma utilizada na net para dizer não é, geralmente, “naum.”

Formas sintáticas também foram encontradas:

Forma encontrada	Forma padrão	Fenômeno predominante
Vo sair com os cara	Vou sair com os “caras.”	Supressão por apócope e não-redundância do plural.
Ei, e nossas festa???	Ei, e as nossas festas?	Não redundância do plural
Depois nois se fala	Depois nós nos falamos.	Adição por epêntese e não-redundância do plural.
Tamos ai neh?	Estamos aí, não é?	Supressão por aférese e supressão por apócope.

Tabela 6

Por fim, observemos que a tabela 6 traz formas equivalentes a construções sintática. Nelas podemos observar todas as realizações de fenômenos anteriores e, ainda, podemos dar ênfase ao fenômeno do plural não-redundante, presente na linguagem oral não-padrão, de pouco prestígio social.

Enfim, verificou-se, em todos os casos, que, quando o internauta escolhia uma determinada forma, ele escrevia daquele modo por toda a conversa, por toda a interação, como se assim fosse uma forma padrão dele, utilizada por ele e própria dele.

Considerações finais

Com a elaboração deste trabalho, foi-nos possível mergulhar em um mundo novo para muitos, que avança de forma cada vez mais rápida e contínua na vida das pessoas: o acesso à Internet. Verificamos, assim, o uso da linguagem experimentado pelos *chatters*, e a forma com a qual os mesmos se apropriam disso. Quisemos, neste trabalho, analisar não o uso do internetês (como é denominada a escrita na Internet), mas, sim, como podemos encontrar, na escrita via Internet, formas do nosso Português não-padrão, produzidas em nossa linguagem oral cotidiana. Linguagem essa não muito utilizada por nós por questões de cunho social, político e, por que não dizer, educacional. O fato é: na Internet, ela é utilizada e sem restrições.

A interação por meio de *chats*, ou *sites* de relacionamentos, faz-nos reproduzir na escrita aquilo que não podemos demonstrar naquele momento, uma vez que não nos encontramos pessoalmente com as pessoas em situações comunicativas presenciais. Assim, barulhos do ambiente, gestos utilizados, demonstração de sentimentos devem ser materializados na escrita. E por que não reproduzir para a pessoa com quem se interage a maneira como mais ou menos falamos, como nos expressamos? É isso que acreditamos acontecer no ambiente virtual: o internauta deseja tanto tornar aquele momento o mais presencial possível que se utiliza da sua forma particular de falar, de seu, por assim dizer, idioleto. Entendemos e observamos também, através de nossa pesquisa, o predomínio de casos de supressão, o que caracterizaria a necessidade de rapidez de que o internauta quer dispor.

Por fim, concluímos que os objetivos iniciais foram alcançados com êxito e acreditamos que tal assunto deve ser ainda mais explorado e tratado. É necessário, então, em um segundo momento, um trabalho que busque comprovar, realmente, que o internauta se utiliza da linguagem não-formal como forma de expressão de sua particularidade oral. No mais, cremos ter alcançado os objetivos apresentados na introdução deste trabalho e julgamos que ele nos proporcionou a oportunidade de coletar material suficiente para uma pesquisa futura de maior fôlego, em que os fatos aqui identificados e sumariamente descritos serão examinados com maior detença.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MUSSALIM, F.; BENTES, A.C..(Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.